

O QUANZA

JOSÉ GUEDES PINTO MACHADO

Engenheiro Civil

Ecoam ainda, repassadas de confiança, as palavras proferidas por Sua Excelência o Senhor Presidente da República na inauguração do Biópio: referiu o Quanza, incitou o prosseguimento do seu estudo, deu esperanças de, em breve, terem início as obras do escalão de Cambambe.

A «ELECTRICIDADE» não poderia alhear-se de tais palavras de fé. Sentiu mesmo seu dever vibrar em unísono com as palpitações que lhes chegam dos corações de Angola, em que os aplausos testemunhantes de gratidão por quem as proferiu se confundem com as exclamações de admiração suscitadas pela relevância da obra a empreender.

O Quanza é o rio mais extenso, de maior caudal e de mais avultado valor energético que nasce, serbenteia e, por fim, desagua em torrão português.

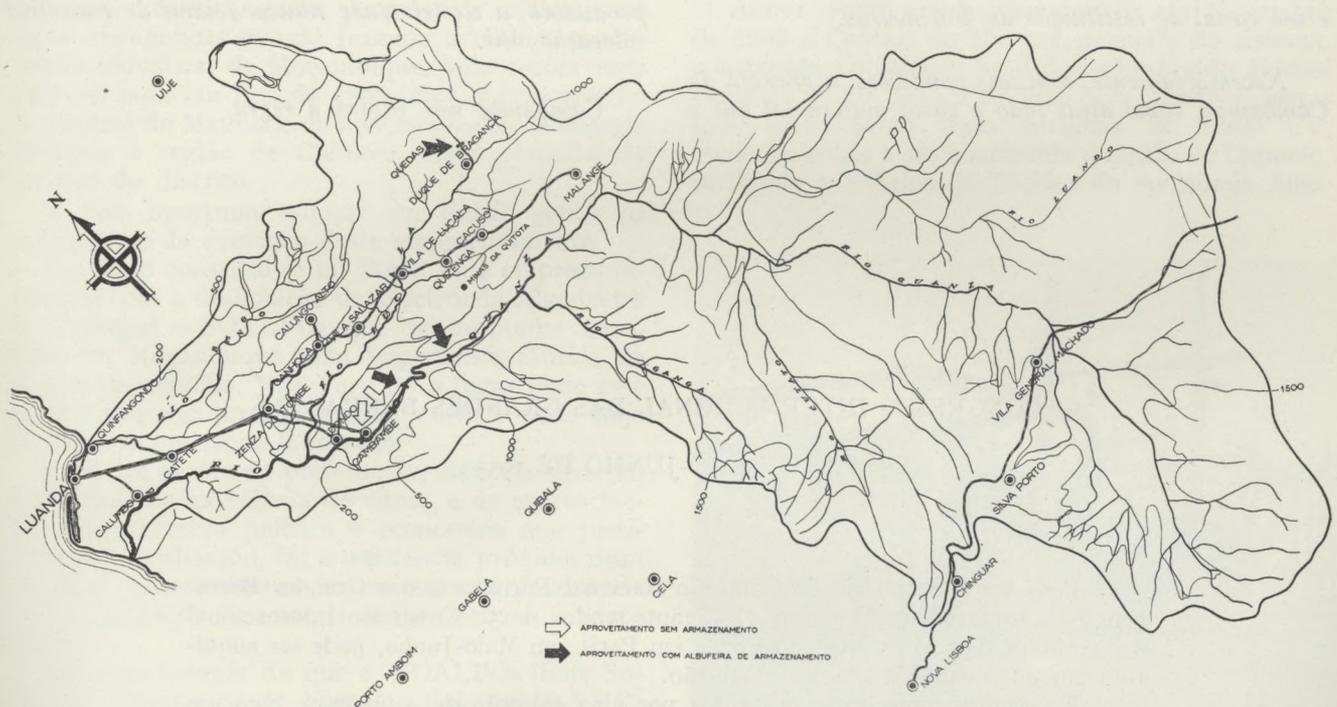
O seu potencial é considerável: as suas águas só aguardam, para o entregarem à humanidade, que o

rodizio duma turbina as torture. Primeiro é a gravidade que se sublima e um redopio que se gera. É o milagre pequeno: o do engenho, o da nora. Depois vem o grande: o da indução; o que transmuta esse rodopio numa das generosas dádivas das águas à humanidade; a mais moderna, a que é a mais forte esperança dos nossos tempos — a electricidade.

Cambambe é, porventura, menos que a vigéssima parte de todo o Quanza. Na primeira fase, a sua produção já ultrapassará os 1000 milhões de KWh anualmente. Vasto manancial de energia!

Poderá toda esta produção utilizar-se, proveitosamente, desde já?

Consultem-se estatísticas. Ensaíem-se confrontos. Estabeleçam-se comparações. Que se verá? Que em qualquer parte dos cinco continentes o poder dispor de energia é preocupação dominante daqueles que governam e a aspiração maior entre os governados. Que no ânimo dos homens se radica, num crescente,



Comprimentos aproximados das linhas de A. T.: Luanda — Catete — 60 Km
Catete — Zenza do Itombe — 60 Km
Zenza do Itombe — Cambambe — 64 Km

ESCALA APROXIMADA — 1: 1.000.000

todos os dias com maior vigor, a convicção de que a fome, que ainda hoje aflige mais de um terço da humanidade, só poderá ser vencida quando for possível dispor abundantemente de energia. Que uma tal convicção é, porventura, o mais significativo acto de fé colectivo dos nossos dias.

Que mais? Que para certas almas excelsas constitui, mesmo, esperança de verem desaparecer, por desnecessárias, com a liquidação da fome, as guerras.

Uma revista de divulgação escrevia há dias, em editorial que intitulava «os homens têm direito de saber», «que os verdadeiros problemas à escala planetária não são nem a Coreia do Norte, nem a pertença nacional do Sarre, nem a crise do Suez, mas os da energia necessária à vida do Mundo»; isto é: o que está em causa é tanto o abastecimento do globo em matérias primas como o da humanidade em calorias.

A electricidade não é, porém, para a humanidade, simplesmente uma forma como qualquer outra de energia. É mais alguma coisa: tem o privilégio de ser aquela que mais facilmente se deixa converter em bens de consumo.

Em Cambambe o preço do KWh nas barras da Central é necessariamente muito favorável. Por um lado temos: uma bacia vertente enorme de 129.000 Km²; uma pluviosidade média considerável de 1200 m/m; uma queda razoável de 110 m; uma distância a Luanda apenas de 260 Km. Do outro lado obras muito simples: um canal de 12m x 9m de secção para um caudal de 250m³ e apenas 5000 m de comprimento; uma conduta de adução em poço de 8m de diâmetro; uma central subterrânea de 180.000 KW; e um canal de restituição de 200 metros.

Necessariamente, com tais condições, a energia da Cambambe, como aliás todo o vasto manancial que o

Quanza pode fornecer é uma das maiores riquezas de Angola.

Impõe-se a construção deste aproveitamento.

Reparem em Angola!

Terras sem fim; extensos planaltos: inércia imensa, que só a máquina pode vencer.

Chuvas torrenciais e concentradas; sol escaldante: lacterização intensa, que se compraz em desmentir-se, mostrando aqui e acolá, oásis de vegetação luxuriante, onde é frequente a chuva, onde há café e tudo o mais.

Não é só Angola, mas a Africa toda! Toda está sedenta de rega; toda carece de máquinas; toda quer adubos. Mesmo nessas terras benquistas, aonde há café e há tudo, a máquina é indispensável e o adubo necessário. Leiam-se as recomendações do Instituto Brasileiro do Café a respeito de adubação: o café, diz, esgota os elementos minerais do solo e só com o emprego de adubos químicos estes se podem regenerar. Leia-se o que acerca da possibilidade de produção de adubos diz o relatório americano sobre o Quanza.

Cambambe, actualmente, não passa de cascatas de água caindo sobre pedras informes. Molde-se a pedra e façam-se com ela muros; discipline-se a torrente e que ela deite a rodopiar uma turbina. Eis a electricidade; eis as indústrias; eis Cambambe convertida em manancial de riquezas.

Que se não receie a abundância de energia. Que se não tema pela sua colocação. Atente-se no que se passa em nosso redor. Em qualquer parte do Mundo, qualquer que tenha sido o volume em que haja sido produzida, a electricidade nunca deixou de encontrar colocação útil.

Cambambe não fugirá à regra.

5.º CONGRESSO INTERNACIONAL DAS GRANDES BARRAGENS

PARIS, MAIO-JUNHO DE 1955

Pede-nos o Secretário da Comissão Nacional Portuguesa das Grandes Barragens para tornarmos público que o «Compte-rendu» do 5.º Congresso Internacional das Grandes Barragens, que se realizou em Paris, em Maio-Junho, pode ser adquirido por intermédio da referida Comissão.

Essa interessante obra constituída por uma colecção de 4 volumes, com um total de cerca de 3.500 páginas, custa \$37,00 (trinta e sete dólares americanos), ou Frs. f. 12.950 (doze mil novecentos e cinquenta francos franceses).

Os pedidos devem ser enviados à Comissão Nacional Portuguesa acompanhados do respectivo cheque, pagável em Paris, à ordem da «Comission Internationale des Grands Barrages».